



QUEIMADAS NO PARQUE NACIONAL DA SERRA DA CANASTRA, MG: 1973 E 1975

Cleber dos Santos Luiz^a; Helena França^{a,b} e Joaquim Maia-Neto^c

^a Centro Universitário SENAC; ^b Univ. de Taubaté; ^c Inst. Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade cleber_luiz@yahoo.com

INTRODUÇÃO

O fogo é um importante agente modificador da estrutura e da composição das comunidades vegetais do Cerrado (Miranda et al., 2000; Coutinho, 1990). Assim, para entender o estágio atual da vegetação desse bioma é preciso levar em consideração o histórico de fogo do local. A região onde está o Parque Nacional da Serra da Canastra (PNSCa), no sudoeste de Minas Gerais, vem sendo manejada com queimadas há muitos séculos. As populações indígenas que viviam no Cerrado utilizavam o fogo na agricultura e na caça desde que ocuparam a região, por volta de 12.000 anos AP (Antes do Presente). Entretanto, nos últimos trezentos anos, com a chegada dos europeus no Brasil Central e a introdução do gado, a queima do cerrado nativo, utilizado como pastagens, passou a ser uma prática muito freqüente no final da estação seca, com recorrência anual, bi ou trianual. Esse regime de queima permanece no presente (Dias, 2006) e foi praticado na região do PNSCa, como atestam os relatos de Saint-Hilaire (1975) no incício do Séc. XIX. Portanto, a vegetação que encontramos hoje nesse Parque resulta desse longo histórico de convívio com o fogo.

Medeiros e Fiedler (2004) caracterizaram o regime de queimadas no PNSCa no período 1987-2001 com base nos Relatórios de Ocorrência de Incêndios Florestais (ROIs) do IBAMA e verificaram que os incêndios antrópicos ocorrem no período seco com freqüência anual ou bi-anual. Entretanto, os dados não foram espacializados e referem-se apenas à porção regularizada do Parque que corresponde a 35% da sua área oficial. Imagens de satélites de sensoriamento remoto permitem identificar e mapear queimadas. A série de satélites Landsat teve início em 1972 e o Brasil possui um acervo de imagens abrangendo o período de 1973 até a atualidade. Como não há outra documentação disponível das queimadas históricas no PNSCa, a interpretação das imagens desse acervo é a única forma de tentar recuperar essa informação, a exemplo do estudo desenvolvido no Parque Nacional das Emas (França et al., 2007).

O objetivo deste trabalho foi mapear e caracterizar o regime de queimadas no Parque Nacional da Serra da Canastra no período 1973-1975, iniciando um estudo mais abrangente que deverá chegar até os dias atuais.

MATERIAL E MÉTODOS

A área de estudo é o Parque Nacional da Serra da Canastra. Criado em 1972, possui oficialmente 197.787 ha localizados entre as latitudes 20°03' e 20°41' S e as longitudes 46°12' e 47°01' W Gr. O clima é sazonal, com uma estação seca entre maio e setembro e outra chuvosa entre outubro e abril.

Os platôs representam a paisagem predominante com superfície aplainada e altitudes em torno de 1000 a 1400 m. A vegetação predominante é de campo cerrado (IBAMA, 2005). O PNSCa apresenta dois chapadões conhecidos como Chapadão da Canastra e Chapadão da Babilônia.

O primeiro ocupa cerca de 70.000 ha e tem sua situação fundiária regularizada. O segundo, somado às áreas conhecidas como Vale dos Cândidos e Vale da Babilônia totalizam cerca de 130.000 ha e não estão regularizados (IBAMA, 2005). Neste trabalho foram consideradas ambas as áreas.

Foram utilizadas as seguintes imagens MSS-Landsat com 80 m de resolução espacial: órbita/ponto 235/74 (30/07/1973; 04/07/1973; 21/04/1975; 14/06/1975; 02/07/1975; 25/08/1975; 12/09/1975 e 23/11/1975) e órbita ponto 236/74 (31/07/1973; 18/08/1973; 05/09/1973; 10/05/1975; 27/05/1975; 26/08/1975; 13/09/1975). Não foram localizadas imagens de 1974. Utilizaram-se as bandas 4 (0,55 µm), 5 (0,65 µm) 6(0,75 µm) e 7 (0,95 µm) individualmente ou em composições coloridas (geralmente 4R, 5B e 7G). As imagens foram georreferenciadas e interpretadas visualmente em um Sistema de Informações Geográficas. O limite do PNSCa foram adquiridos junto ao IBAMA. Foram feitos mapas temáticos de queimadas para cada imagem interpretada e, por fim, foram gerados mapas anuais e efetuados os cálculos das áreas atingida pelo fogo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A área queimada em 1973 foi 81.400 ha, cerca de 41% do Parque. Em 1975 a área total queimada foi 49.960 ha, cerca de 25% do PNSCa. Porém, essas áreas estão subestimadas, pois as imagens não recobriram totalmente o mês de setembro, quando as queimadas antrópicas ainda são frequentes. Nas imagens de abril e maio de 1975 foram identificadas pequenas queimadas, geralmente menores que 50 ha que podem ter sido causadas por raios, mas não há registros dessas ocorrências no IBAMA nessa época. Entretanto, informações atuais dos ROIs indicam que esses eventos são frequentes (Medeiros e Fiedler, 2004).

Os resultados indicam que o regime de fogo nesse período era antrópico, com queimadas realizadas na estação seca (entre julho e setembro) e com periodicidade bianual ou trianual. Possivelmente, essas queimadas não eram de grande intensidade, pois a alta frequência de queima e o pastoreio decorrente da criação de gado não possibilitavam acúmulo de grandes densidades de biomassa combustível. Esse regime pode ser explicado pela ocupação do Parque à época, quando nem a área do Chapadão da Canastra era regularizada. Havia sítios e fazendas em toda extensão do PNSCa, cuja principal atividade era a pecuária com prática de queimadas regulares das pastagens naturais para promover a rebrota do capim na estação seca.

Esse regime de queimadas é semelhante àquele encontrado no Parque Nacional das Emas (PNE) antes da sua regularização fundiária em 1984. Da mesma forma, os fazendeiros que ocupavam as terras do PNE com a criação de gado manejavam as pastagens com queimadas anuais ou bianuais (França et al., 2007).

Entre 1979 e 1980 ocorreu a regularização fundiária do Chapadão da Canastra. O restante do Parque, por outro lado, permaneceu ocupado e essa situação se estende até o presente. O prosseguimento desse estudo permitirá comparar o regime de fogo nessas duas situações: com e sem ocupação. É recomendável também que as queimadas naturais sejam caracterizadas e seus efeitos estudados, a exemplo do PNE, pois elas podem ser importantes para a conservação biológica do PNSCa. É necessário dar continuidade ao mapeamento das queimadas e caracterização do regime de fogo no PNSCa, bem como estudar e monitorar seus efeitos na biota para subsidiar as decisões sobre a melhor forma de manejar o fogo nesse Parque.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Coutinho, L.M. 1990. Fire in the ecology of the Brazilian cerrado. **Fire in the tropical biota** Goldammer, J.G. (ed.) New York: Springer-Verlag, 1990. 82-105.
- Dias, B. F. S. 2006. Degradação ambiental: os impactos do fogo sobre a biodiversidade do cerrado. In: Garay, I; Becker, B.K. (ed.). **Dimensões humanas da biodiversidade**. Petrópolis: Vozes, p. 187-213.
- França, H.; Ramos-Neto, M.B.; Setzer, A. 2007. **O fogo no Parque Nacional das Emas**. Brasília, Ministério do Meio Ambiente, 140p.
- IBAMA. 2005. **Parque Nacional da Serra da Canastra: Plano de Manejo**. Brasília, Ministério do Meio Ambiente/IBAMA, 828p.
- Medeiros, M.B.; Fiedler, N.C. 2004. Incêndios florestais no Parque Nacional da Serra da Canastra: desafios para a conservação da biodiversidade. **Ciência Florestal** 14(2): 157-168.
- Miranda, H.; Bustamante, M.M.C.; Miranda, A. 2002. The fire factor. In: Oliveira, P.S.; Marquis (ed.) **The cerrados of Brazil**. New York, Columbia University Press, p.51-68.
- Saint-Hilaire, A. 1975. **Viagem às nascentes do Rio São Francisco**, São Paulo, Itatiaia/Edusp, 190p.